

A **COVA** DA MINHA  
**IRMÃ**

## **Diagramação**

Charlie Simonetti

## **Capa**

Charlie Simonetti (sobre imagens de Mongkolchon Akesin e andreiuc88 · Shutterstock)

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Dugoni, Robert

A cova da minha irmã [livro eletrônico] / Robert Dugoni ; tradução A C Reis. -- São Paulo : Editora Pausa, 2020. -- (Série Tracy Crosswhite ; 1)

4,08 Mb ; ePub

Título original: My sister's grave

ISBN : 978-65-5070-019-5

1. Ficção norte-americana 2. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) 3. Suspense – Ficção I. Título. II. Série.

20-33620

CDD-813

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

# CAPÍTULO 1



O instrutor tático na academia de polícia gostava de provocá-la durante os treinamentos matinais.

— Dormir é superestimado — ele dizia. — Você vai aprender a se virar sem isso.

Era mentira.

Dormir é como sexo. Quanto menos você tem, mais deseja, e ultimamente Tracy Crosswhite não estava conseguindo ter nenhuma das duas coisas.

Ela alongou os ombros e o pescoço. Sem tempo para uma corrida matinal, seu corpo estava duro e dormente, embora ela não se lembrasse de ter dormido demais, se é que tinha dormido. *Fast food* demais, cafeína demais, disse o seu médico. Bom conselho, mas comer bem e se exercitar exigiam um tempo que Tracy não tinha enquanto investigava um homicídio, e parar com a cafeína seria como tirar a gasolina de um carro. Ela morreria.

— Ei, a Professora chegou cedo. Quem morreu?

Vic Fazzio apoiou o corpo considerável na parede da baia de Tracy. Era uma velha piada da Homicídios, mas nunca ficava velha quando entoada na voz rouca de Fazzio, com seu sotaque de Nova Jersey. Com o cabelo grisalho e o rosto carnudo, o autoproclamado

“carcamano” da Divisão de Homicídios poderia ter atuado como um daqueles guarda-costas calados dos filmes sobre a máfia. Fazzio segurava as palavras cruzadas do *New York Times* e um livro de biblioteca, o que significava que o café já tinha funcionado. Que Deus ajudasse quem precisava usar o banheiro dos homens enquanto Fazzio estava lá. Todos sabiam que ele ficava sentado meia hora pensando nas respostas ou enquanto lia um capítulo envolvente.

Tracy entregou a ele uma das fotos da cena do crime que tinha imprimido de manhã cedo.

— Dançarina na Avenida Aurora.

— Ouvi falar. Coisa de pervertido, hein?

— Vi coisa pior quando trabalhava com crimes sexuais — ela respondeu.

— Esqueci. Você trocou sexo por morte — ele brincou.

— A morte é mais fácil — ela disse, roubando uma das piadas de Fazzio.

A dançarina, Nicole Hansen, tinha sido encontrada com mãos e pés amarrados num quarto barato de motel na Avenida Aurora, no norte de Seattle. Um laço envolvia seu pescoço, e a corda descia por sua coluna, prendendo punhos e tornozelos — um arranjo complexo. Tracy entregou o relatório do legista para Fazzio.

— Ela teve câibras nos músculos, que acabaram com espasmos. Nesse momento, ela esticou as pernas para aliviar a dor, o que a fez se estrangular. Legal, né?

— Não era de esperar — Fazzio começou, avaliando a fotografia — que tivessem usado um nó corredio, ou algo assim, para que ela conseguisse escapar?

— Faria sentido, não é?

— Então, qual a sua teoria? — ele perguntou. — Alguém ficou sentado lá, se divertindo enquanto via ela morrer?

— Ou o sujeito percebeu que fez besteira, entrou em pânico e

fugiu. De qualquer modo, ela não se amarrou sozinha.

— Mas pode ser. Vai ver ela é um tipo de Houdini.

— O Houdini se desamarrava sozinho, Fazzio. Esse era o truque.

— Tracy pegou de volta o relatório e a fotografia e os colocou em sua mesa. — E isso me deixa aqui, nesta hora impiedosa, sozinha com você e os grilos.

— Eu e os grilos estamos aqui desde as cinco, Professora. Você sabe o que dizem. Deus ajuda quem cedo madruga.

— É, bem, este passarinho madrugador bastante cansado bem que aceitaria um pouco mais de ajuda lá de cima.

— Mas onde está o Kins? Por que você está se divertindo sozinha?

— Espero que esteja comprando um café para mim. — Ela consultou o relógio. — Se bem que, nesse ritmo, era melhor eu mesma ter feito o café. — Ela olhou para o livro na mão de Fazzio.

— *O sol é para todos*. Estou impressionada.

— Estou tentando melhorar.

— Sua mulher escolheu para você, não foi?

— Pode apostar nisso. — Fazzio se afastou da parede. — Tudo bem, está na hora de eu bancar o malandro. O *sol* está brilhando e eu estou me dando bem.

— Informação demais, Fazzio.

Ele começou a se afastar da baía, então voltou, lápis na mão.

— Ei, Professora, me dá uma ajudinha. Preciso de uma palavra com dez letras para “torna seguro o gás natural”.

Tracy tinha sido professora de química do Ensino Médio antes de mudar de carreira e entrar na academia de polícia, onde recebeu o apelido.

— Mercaptano — ela disse.

— Hã?

— Mercaptano. É acrescentado ao gás natural para que a gente



possa sentir o cheiro se houver um vazamento em casa.

— Fala sério. Tem cheiro do quê?

— Enxofre. Sabe, ovo podre — ela explicou.

Fazzio lambeu a ponta do lápis e preencheu os quadradinhos.

— Obrigado.

Depois que Fazzio se afastou, Kinsington Rowe apareceu e entrou na baia da Equipe A, entregando para Tracy um dos dois copos altos que trazia.

— Desculpe — ele disse.

— Eu estava para chamar a equipe de resgate.

A Equipe A era uma das quatro da Divisão de Homicídios da Seção de Crimes Violentos. Cada equipe possuía quatro detetives, sendo a A composta por Tracy, Kins, Fazzio e Delmo Castigliano, a outra metade da Dupla Dinâmica Italiana. As mesas deles ficavam nos quatro cantos de uma baia grande, e eles se sentavam de costas um para o outro, que era como Tracy preferia. A Divisão de Homicídios era um aquário e a privacidade, difícil. No centro da baia eles guardavam fichários de crimes debaixo de uma bancada de trabalho. Cada um mantinha os arquivos dos homicídios em que estavam trabalhando em sua própria mesa.

Tracy segurou o copo com as duas mãos.

— Venha para mim, meu agridoce néctar dos deuses. — Ela tomou um gole e lambeu a espuma do lábio superior. — Por que você demorou?

Kins fez uma careta ao sentar-se. Após jogar futebol americano por quatro anos na universidade e um ano na NFL, Kins se aposentou quando os médicos erraram o diagnóstico de uma contusão, o que o deixou com degeneração na pelve. Um dia ele teria que colocar uma prótese, mas estava esperando para ter que fazer o procedimento apenas uma vez. Nesse meio-tempo, ele lidava com a dor chupando Advil como se fosse bala.

— O quadril está mal, é? — Tracy perguntou.

— Costumava ficar assim só quando esfriava — Kins respondeu.

— Então arrume isso logo. O que você está esperando? Ouvi dizer que agora é procedimento de rotina.

— Não é rotina quando o médico põe aquela máscara no seu rosto e manda você dormir com os anjos.

Ele desviou o olhar, ainda com a careta de dor, sugerindo que algo além do quadril o incomodava. Após seis anos trabalhando lado a lado, Tracy reconhecia os sinais de Kins. Ela sabia quais eram seus estados de espírito e suas expressões faciais. Ela sabia dizer, de manhã, se ele tinha dormido mal ou transado. Kins era seu terceiro parceiro na Homicídios. O primeiro designado para trabalhar com ela, Floyd Hattie, tinha anunciado que preferia se aposentar a trabalhar com uma mulher. E foi o que fez. O segundo parceiro durou seis meses, até a esposa *dele* encontrar Tracy num churrasco e decidir que não sabia lidar com o fato de o marido passar o dia com uma loira de 1,78, solteira, na época com 36 anos.

Quando Kins se ofereceu para trabalhar com Tracy, ela estava um pouco sensível.

*Tudo bem, mas e quanto à sua mulher?*, ela perguntou. *Vai ser um problema para mim?*

*Espero que não*, Kins respondeu. *Com três filhos menores de oito anos, essa é a última coisa divertida que fazemos juntos.*

Ela soube no mesmo instante que conseguiria trabalhar com ele. Os dois fizeram um acordo — honestidade total. Nada de guardar mágoas. Vinha funcionando havia seis anos.

— Mais alguma coisa está incomodando você, Kins?

Ele suspirou e a encarou.

— Billy me parou na entrada — ele disse, referindo-se ao sargento da Equipe A.

— Espero que ele tenha um bom motivo para ter atrasado meu

café. Já matei por menos.

Kins não sorriu. O som do noticiário matutino vindo da televisão pendurada na baia da Equipe B se espalhava pelo ambiente. Na mesa de alguém, um telefone tocava sem que ninguém atendesse.

— Algo a ver com Hansen? O comando está pressionando o sargento por causa disso?

Ele meneou a cabeça.

— Billy recebeu uma ligação do Instituto Médico-Legal, Tracy.

— Ele a encarou. — Dois caçadores encontraram restos mortais nas colinas de Cedar Grove.



# CAPÍTULO 2



**T**racy torceu os dedos com a expectativa. A brisa leve que tinha soprado ao longo de todo o dia ficou mais forte, fazendo esvoaçar a aba traseira de seu casaco velho. Ela esperou que o vento acalmasse. Após dois dias de competição, faltava uma prova para determinar o Campeão de Tiro Não Automático do Estado de Washington de 1993. Com 22 anos, Tracy era tricampeã, embora tivesse perdido o título do ano anterior para Sarah, quatro anos mais nova.

O árbitro aproximou o cronômetro da orelha de Tracy.

— Quando quiser, Crossdraw — ele sussurrou. O nome de caubói dela era um trocadilho com seu sobrenome, Crosswhite, e o tipo de coldre que ela e Sarah gostavam de usar.

Tracy baixou a aba de seu chapéu Stetson, inspirou fundo e fez uma homenagem ao melhor faroeste já feito:

— Ocupe suas mãos, seu filho da puta!

O alarme soou.

Sua mão direita sacou o Colt do coldre esquerdo, armou o cão e disparou. Com o revólver já sacado e armado na mão esquerda, ela derrubou o segundo alvo. Encontrando seu ritmo e ganhando velocidade, ela atirava com tanta rapidez que mal dava para ouvir o tilintar do chumbo sobre o disparo das armas.

Mão direita. Armar. Fogo.

Mão esquerda. Armar. Fogo.

Mão direita. Armar. Fogo.

Ela mirou na fileira inferior de alvos.

Direita, fogo.

Esquerda, fogo.

Os três tiros finais saíram em rápida sucessão. Bam. Bam. Bam.

Tracy girou as armas e as deitou na mesa de madeira.

— Tempo!

Alguns espectadores aplaudiram, mas as palmas cessaram quando começaram a perceber o que Tracy já sabia.

Dez tiros, mas só nove estalidos.

O quinto alvo na fileira de baixo permanecia em pé.

Tracy tinha errado.

Os três árbitros próximos levantaram um dedo cada um para confirmar. O erro custaria caro; uma penalidade de cinco segundos adicionada ao tempo dela. Tracy ficou olhando para o alvo, incrédula, mas encará-lo não o faria cair. Relutante, ela recolheu seus revólveres, guardou-os nos coldres e saiu de lado.

Todos os olhos se voltaram para Sarah, “A Criança”.



Seus carrinhos de mão, feitos artesanalmente pelo pai delas para carregar as armas e munições, rangeram e chacoalharam enquanto Tracy e Sarah os arrastavam pelo estacionamento de terra e cascalho. Acima delas, o céu tinha escurecido rapidamente. A tempestade chegaria antes do que o meteorologista tinha previsto.

Tracy destrancou a traseira coberta da sua caminhonete Ford azul, baixou a porta e se aproximou de Sarah.

— Que diabo foi aquilo? — Ela não se preocupou em manter a voz baixa.

*Sarah jogou o chapéu na traseira da caminhonete, deixando o cabelo loiro cair pelos ombros.*

*— O quê?*

*Tracy mostrou a fivela de prata do campeonato.*

*— Faz anos que você não erra dois alvos. Acha que sou burra?*

*— O vento mudou.*

*— Você é uma péssima mentirosa, sabia?*

*— E você é uma péssima vencedora.*

*— Porque eu não venci; você me deixou ganhar. — Tracy esperou que dois espectadores passassem por elas. As primeiras gotas de chuva começaram a cair. — Você tem sorte de o papai não estar aqui — ela disse. Vinte e um de agosto era o aniversário de casamento dos pais delas, e James “Doc” Crosswhite não tivera coragem de dizer para a esposa esquecer o Havaí e comemorar num clube de tiro poeirento na capital do estado. Tracy suavizou sua atitude, mas continuou agitada. — A gente já conversou sobre isso. Eu te disse, nós duas temos que dar nosso melhor, ou as pessoas vão começar a pensar que a coisa toda é armada.*

*Antes que Sarah pudesse responder, pneus espalharam cascalho. Tracy teve a atenção desviada quando Ben parou sua picape branca ao lado do Ford dela, sorrindo para as duas de dentro do carro. Embora ele e Tracy estivessem namorando por mais de um ano, Ben ainda sorria toda vez que a via.*

*— Vamos conversar mais sobre isso quando eu voltar para casa amanhã — Tracy disse a Sarah e se afastou para cumprimentar Ben, que saiu da picape e começou a vestir a jaqueta de couro que ela tinha dado a ele no último Natal. Os dois se beijaram.*

*— Desculpe o atraso. Quem tornou ilegal beber e dirigir nunca teve que enfrentar o trânsito em Tacoma. Bem que eu queria uma cerveja. — Quando Tracy endireitou o colarinho da jaqueta, Ben viu a fivela de prata na mão dela. — Ei, você ganhou.*



— É, eu ganhei. — O olhar dela foi parar em Sarah.

— Oi, Sarah — Ben disse, parecendo confuso.

— Oi, Ben.

— Está pronta? — ele perguntou para Tracy.

— Só me dê um minuto.

Tracy tirou o casaco de couro e a bandana vermelha, jogando-os na parte de trás da caminhonete. Então ela se sentou na picafe e estendeu a perna para Sarah puxar sua bota. O céu tinha ficado completamente preto.

— Eu não gosto da ideia de você dirigir sozinha num tempo destes.

Sarah jogou a bota dentro do veículo e Tracy levantou a outra perna. Sarah agarrou o taco.

— Eu tenho 18 anos. Acho que consigo dirigir até em casa; não é como se nunca chovesse por aqui.

Tracy olhou para Ben.

— Acho que ela deveria vir conosco.

— Ela não quer fazer isso. Sarah, você não quer fazer isso.

— Não, com certeza não quero — Sarah disse.

Tracy calçou as sandálias.

— A previsão é de tempestade com raios.

— Tracy, deixe disso. Você está agindo como se eu tivesse 10 anos.

— Porque você age como se tivesse 10 anos.

— Porque você me trata como se eu ainda tivesse 10 anos.

Ben consultou o relógio.

— É uma pena interromper essa conversa tão inteligente, garotas, mas, Tracy, a gente tem que ir se não quiser perder a reserva.

Tracy entregou sua sacola para Ben, que a levou até a picafe enquanto Tracy falava com Sarah.

— Fique na autoestrada — ela disse. — Não pegue a estradinha local. Está escurecendo, e com a chuva vai ser mais difícil enxergar.

— Pela estradinha é mais rápido.



— Não discuta comigo. Fique na autoestrada e tome cuidado na saída.

Sarah estendeu a mão para pegar a chave da caminhonete.

— Prometa — Tracy pediu, não a entregando sem que Sarah promettesse.

— Tudo bem, eu prometo. — Sarah fez uma cruz sobre o coração.

Tracy pôs a chave na palma da mão de Sarah, fechando a sua sobre ela.

— Da próxima vez, apenas derrube a droga dos alvos. — Ela se virou para ir embora.

— O chapéu — Sarah disse.

Tracy tirou o Stetson preto e o colocou na cabeça de Sarah. Foi então que a irmã lhe mostrou a língua. Tracy queria ficar brava, mas Sarah tornava isso impossível. Tracy sentiu um sorriso se abrir em seu rosto.

— Você é uma peste.

Sarah deu um sorriso exagerado.

— Sou, mas é por isso que você me ama.

— É, é por isso mesmo que eu te amo.

— E eu também te amo — Ben disse. Ele tinha aberto a porta do passageiro e estava inclinado sobre o banco. — Mas vou te amar mais ainda se não perdermos a reserva.

— Estou indo — Tracy disse.

Ela entrou na picape e fechou a porta. Ben acenou para Sarah e fez um retorno rápido, encaminhando-se para a fila de carros que tinha se formado junto à saída. A chuva agora parecia gotas de ouro derretido ao cair diante dos faróis da picape. Tracy se virou para olhar pela janela. Sarah estava parada na chuva, observando-os partir, e Tracy sentiu uma necessidade repentina de voltar, como se tivesse esquecido algo.

— Está tudo bem? — Ben perguntou.

— Sim — ela disse, embora a necessidade continuasse. Ela viu Sarah abrir a mão, perceber o que Tracy tinha feito, e olhar rapidamente para a picape de Ben.

Tracy tinha colocado a fivela de prata junto com a chave da caminhonete na mão da irmã.

E ela não veria de novo nem fivela nem Sarah por 20 anos.

# CAPÍTULO 3



O xerife de Cedar Grove, Roy Calloway, ainda estava com o colete de pesca e seu boné da sorte, mas já se sentia bem longe do balanço suave do barco de fundo chato. Calloway foi direto do aeroporto para a estação do xerife, sua mulher em silêncio no banco do passageiro, nem um pouco feliz pela interrupção da viagem de pesca do casal, as primeiras férias de verdade que tiravam em quatro anos. Ela não tinha se esforçado para beijá-lo quando o deixou, e ele decidiu não insistir no assunto. Calloway não tinha dúvida de que ainda ouviria muito a respeito na hora do jantar. “Eu não tinha como evitar”, ele diria, e ela retrucaria “Faz 34 anos que ouço isso”.

O xerife entrou na sala de reuniões e fechou a porta. Seu delegado, Finlay Armstrong, estava na cabeceira da mesa rústica de madeira envergando o uniforme cáqui. Finlay parecia pálido sob as luzes fluorescentes, mas sua figura era vigorosa se comparada à coloração lívida de Vance Clark. O promotor de justiça do Condado de Cascade estava sentado na outra ponta da sala e parecia doente; seu blazer quadriculado estava jogado sobre as costas de uma cadeira, sua gravata, com o nó afrouxado, e a camisa, com o primeiro botão aberto. Clark não se preocupou em se levantar. Ele deu um aceno sutil para Calloway.

— Sinto muito por você ter que voltar por causa disso, chefe. — Armstrong estava diante de uma parede com uma galeria de fotos dos xerifes de Cedar Grove. A fotografia de Calloway era a última da série havia 34 anos. Aos 65 anos de idade, ele ainda mantinha o físico do homem na fotografia, embora não pudesse deixar de notar, quando se olhava no espelho a cada manhã, que as linhas de seu rosto, que um dia foram riscos definidos complementando suas feições marcantes, tinham se tornando rugas suaves, e que seu cabelo tinha ficado mais ralo e grisalho.

— Não se preocupe, Finlay. — Calloway jogou o boné na mesa, puxou uma cadeira e se sentou. — Me conte o que você sabe.

Com 30 e poucos anos, alto e magro, Armstrong estava com Calloway por mais de uma década, e era o próximo da fila a ter seu retrato pendurado na parede da sala de reuniões.

— Recebemos um chamado de Todd Yarrow esta manhã. Ele e Billy Richmond estavam passando pela velha propriedade em Cascadia, indo para a cabana de caça deles, quando Hércules farejou algo. Yarrow disse que foi o diabo para eles fazerem o cachorro voltar. E, quando voltou, trazia algo na boca. Yarrow pegou, pensando que era um graveto, mas era uma coisa branca, pegajosa. “Isto é um osso”, Billy disse. Eles não pensaram muito naquilo, achando que o Hércules tinha desenterrado uma carcaça de cervo. Mas então o Hércules correu de novo, latindo e fazendo um furdunço dos diabos. Dessa vez foram atrás dele e o encontraram cavando o chão. Yarrow não conseguiu fazer o cachorro voltar. Enfim, ele teve que agarrar o Hércules pela coleira para tirar o bicho dali. Foi então que ele viu.

— Viu...? — Calloway perguntou.

Armstrong mexeu na tela do iPhone enquanto dava a volta na mesa. Calloway pegou seus óculos de leitura no bolso do colete de pescador – ele já não conseguia inserir a isca no anzol sem eles –, colocou-os e pegou o celular, estendendo o braço para focar.



Armstrong se debruçou sobre o ombro do xerife e usou os dedos para aumentar a imagem.

— Essas linhas brancas aí são ossos. É um pé.

Os ossos estavam atolados na terra, como um fóssil sendo escavado. Armstrong exibiu uma série de fotografias que mostravam o pé e o local de diversos ângulos e distâncias.

— Eu falei para eles marcarem o local e me encontrarem no carro deles. Os dois trouxeram o osso na parte de trás do Jeep do Todd. — Armstrong passou o dedo pela tela até chegar à imagem de um único osso ao lado de uma lanterna. — A antropóloga de Seattle queria algo que mostrasse a escala. Ela disse que parece um fêmur.

Calloway olhou para a outra ponta da sala, mas o olhar de Vance Clark permanecia focado no tampo da mesa.

— Vocês chamaram o legista? — Calloway perguntou para Armstrong.

Este pegou o celular de volta e se endireitou.

— Eles me fizeram falar com uma antropóloga forense. — Ele consultou suas anotações. — Kelly Rosa. Ela disse que enviariam uma equipe, mas só chegaria aqui amanhã de manhã. Deixei Tony de guarda no local para que outros animais não se aproximassem. Vamos precisar mandar alguém para render o Tony.

— A antropóloga acha que o osso é humano?

— Ela ainda não tem certeza, mas disse que é do tamanho certo de um fêmur de mulher. Está vendo a coisa branca, essa coisa viscosa na mão do Yarrow? — Armstrong consultou suas anotações. — Ela chamou de adipocera, gordura corporal decomposta. O corpo já está lá há algum tempo.

Calloway fechou os óculos e tornou a guardá-los no colete.

— Está disposto a acompanhar esse pessoal quando eles chegarem? — perguntou.

— Claro, sem problemas — Armstrong disse. — Você vai estar

aqui, Chefe?

— Vou, sim. — Calloway se levantou. Ele abriu a porta para ir procurar café. A pergunta seguinte de Armstrong o deteve.

— Você acha que pode ser ela, Chefe? Acha que pode ser aquela garota que sumiu nos anos noventa?

Calloway olhou além de Armstrong, para onde Clark permanecia sentado.

— Acho que nós vamos descobrir.

# CAPÍTULO 4



Raios de sol matinal passavam pela espessa folhagem das árvores, projetando sombras na parede rochosa que se erguia à beira da estrada vicinal. Um século antes, toneladas de montanha haviam sido retiradas com dinamite, picaretas e pás, abrindo caminho para os vagões de mineração, revelando nascentes ocultas que se derramavam como lágrimas pela face pétrea, manchando-a com seus depósitos de minério de prata e ferrugem. Tracy dirigia no piloto automático, com o rádio desligado, a mente entorpecida. O instituto médico-legal não tinha informações adicionais. Kelly Rosa não estava em seu escritório e o robô com que Tracy tinha falado só conseguira confirmar o que Kins tinha dito – um delegado de Cedar Grove tinha telefonado e enviado uma foto do que parecia ser um fêmur humano, escavado por um cachorro que pertencia a dois caçadores a caminho de sua cabana de caça nas colinas que se debruçavam sobre a cidade de Cedar Grove.

Tracy pegou a saída que conhecia bem, virou à esquerda no sinal de “Pare” e, um minuto depois, entrou na Rua do Mercado. Ela parou no único semáforo de Cedar Grove, no centro da cidade, e contemplou o que um dia tinha sido sua cidade, mas que agora parecia tão envelhecida e desgastada que lhe era desconhecida.



Tracy enfiou o troco no bolso da frente do jeans, pegou a pipoca e a Coca no balcão e passou os olhos pelo saguão do teatro, mas não viu Sarah.

Nas manhãs de sábado em que o Cinema Hutchins exibia um filme novo, a mãe delas dava seis dólares para Tracy; três para ela, três para Sarah. O cinema custava \$ 1,50, e assim sobrava um trocado para a pipoca e um refrigerante, ou para comprar um sorvete no armazém depois do filme.

— Onde está Sarah? — Tracy perguntou.

Com 11 anos, ela era responsável por Sarah, embora recentemente tivesse cedido à vontade da irmã de carregar seu próprio dinheiro do cinema. Tracy notou que Sarah não tinha comprado pipoca nem refrigerante, embolsando o troco. E agora ela tinha sumido, o que não era atípico.

Dan O'Leary empurrou os óculos grossos, de armação preta, na ponte do nariz, um hábito persistente.

— Não sei — ele respondeu, olhando ao redor. — Ela estava bem aqui.

— Quem liga? — Sunnie Witherspoon segurava sua pipoca e aguardava junto à porta vaivém para entrar na sala de exibição escura.

— Ela sempre faz isso. Vamos entrar. Nós vamos perder os trailers.

Tracy costumava dizer que Sunnie e Sarah tinham uma relação de amor e ódio. Sarah adorava provocar Sunnie, o que esta odiava.

— Não posso deixar minha irmã para trás, Sunnie. Ela foi ao banheiro? — Tracy perguntou para Dan.

— Eu posso ir lá ver. — Dan deu dois passos antes de cair em si.

— Espere. Não, não posso.

O Sr. Hutchins apoiou os antebraços no balcão.

— Eu digo a ela que vocês já entraram e faço ela entrar, Tracy. É melhor vocês entrarem para não perderem os trailers. Estamos



*passando o do Os caça fantasmas.*

*— Vamos logo, Tracy — Susie resmungou.*

*Tracy deu uma última olhada no saguão. Era a cara de Sarah perder os trailers. Quem sabe assim ela aprendia a lição.*

*— Tudo bem. Obrigada, Sr. Hutchins.*

*— Eu posso levar sua Coca — Dan disse. As mãos dele estavam vazias, pois seus pais só lhe davam dinheiro para o filme.*

*Tracy entregou a bebida para ele e usou a mão livre para cobrir a pipoca, evitando assim derrubá-la enquanto andava. O Sr. Hutchins sempre enchia as caixas dela e de Sarah até transbordarem. Tracy sabia que isso tinha a ver com o fato de seu pai cuidar da Sra. Hutchins, que tinha muitos problemas de saúde por causa da diabetes.*

*— Até que enfim — Sunnie disse. — Aposto que os melhores lugares já estão ocupados.*

*Sunnie usou as costas para abrir a porta vaivém, sendo seguida por Tracy e Dan. As luzes estavam apagadas, e, depois que a porta se fechou, Tracy teve que esperar um instante para seus olhos se acostumarem com a escuridão. Ela ouviu crianças que já estavam sentadas rindo e gritando palavrões, ansiosas para que o Sr. Hutchins entrasse na cabine de projeção e começasse o filme. Uns poucos pais tentavam controlá-las. Tracy adorava tudo no Cine Hutchins aos sábados, do cheiro da pipoca com manteiga ao carpete marrom e às poltronas de veludo com apoios de braços puídos.*

*Sunnie estava na metade do corredor quando Tracy reconheceu a sombra à espreita atrás de uma fileira de assentos. Tarde demais para alertar a amiga antes que Sarah pulasse para assustá-la.*

*— Buu!*

*Sunnie soltou um grito apavorado que silenciou o cinema. O que se seguiu foi uma gargalhada também conhecida.*

*— Sarah! — Tracy gritou.*

*— Qual é o seu problema? — Sunnie berrou.*

As luzes da sala foram acesas, causando um coro de vaias. O Sr. Hutchins desceu pelo corredor, parecendo preocupado. As pipocas estavam espalhadas pelo carpete gasto junto com a caixa de listras brancas e vermelhas de Sunnie.

— Foi a Sarah — Sunnie disse. — Ela me assustou de propósito.

— Nada disso — Sarah exclamou. — Foi você que não me viu.

— Ela estava escondida, Sr. Hutchins. E fez de propósito. Ela sempre faz isso.

— Não faço, não — Sarah afirmou.

O Sr. Hutchins olhou para Sarah, mas, em vez de ficar bravo, Tracy achou que ele estava fazendo força para não rir.

— Sunnie, por que você não volta para o saguão e pede outra caixa de pipoca para a Sra. Hutchins? — Ele levantou as mãos e se dirigiu à plateia: — Desculpe, pessoal. Só vai atrasar um pouco enquanto pego a vassoura. Só vai demorar um minuto.

— Não, Sr. Hutchins. — Tracy olhou para a irmã. — Sarah, você pega a vassoura e limpa isso.

— Por que eu tenho que limpar?

— Porque você fez a sujeira.

— Dã, foi a Sunnie que fez.

— Limpe isso.

— Você não manda em mim.

— A mamãe me colocou no comando. Então, ou você limpa, ou eu conto para ela e para o papai que você está guardando o dinheiro que ela te dá para comprar pipoca e sorvete.

Sarah coçou o nariz e sacudiu a cabeça.

— Tá bom. — Ela se virou para ir buscar a vassoura, parou e disse: — Desculpe, Sr. Hutchins. Vou varrer rapidinho. — Ela disparou pelo corredor e abriu a porta. — Ei, Sra. Hutchins, preciso da vassoura!

— Desculpe, Sr. Hutchins — Tracy disse. — Vou contar para

*minha mãe e meu pai o que ela fez.*

*— Não precisa, Tracy — ele respondeu. — Eu acho que você já cuidou da situação com muita maturidade, e acredito que Sarah aprendeu a lição. Essa é a nossa Sarah, certo? Ela faz as coisas ficarem divertidas por aqui.*

*— Divertidas demais, às vezes — Tracy disse. — Estamos tentando fazer ela parar.*

*— Ah, eu não faria isso — ele exclamou. — É o que torna Sarah... Sarah.*



Uma buzina soou. Tracy olhou pelo retrovisor e viu um homem na boleia de um caminhão velho apontando para o semáforo à frente, que tinha ficado verde.

Ela passou pelo cinema, mas o letreiro estava cheio de buracos feitos por pedras, e as vitrines que um dia anunciaram o filme em cartaz e as próximas atrações estavam cobertas por tapumes. Uma brisa soprava jornais e lixo na área atrás da bilheteria. O restante dos prédios de um e dois andares em pedra e tijolo no centro de Cedar Grove estava em condições semelhantes.

Placas de “Aluga-se” ocupavam metade das janelas. Um restaurante chinês que ficava no lugar que já tinha sido uma loja de quinquilharias anunciava, numa cartolina, o almoço executivo a seis dólares. Um brechó substituía a barbearia de Fred Digasparro, mas a haste em espiral vermelha e branca continuava afixada na parede. Um café anunciava expressos debaixo de letras desbotadas na fachada de tijolinhos à vista que tinha pertencido ao Armazém do Kaufman.

Tracy virou à direita na Segunda Avenida. Na metade do quarteirão, entrou no estacionamento. As letras pretas pintadas na porta de vidro da Delegacia de Polícia de Cedar Grove não haviam mudado nem desbotado, mas Tracy não tinha ilusões quanto à sua

volta para casa.



# CAPÍTULO 5



Tracy mostrou seu distintivo ao policial sentado à escrivaninha depois das portas de vidro e lhe disse que estava com o grupo de Seattle. Imediatamente, ele começou a explicar a ela como chegar à sala de reuniões no fim do corredor.

— Eu sei o caminho — ela disse.

Quando abriu a porta da sala sem janelas, a conversa parou de repente. Um policial uniformizado estava em pé junto à cabeceira da mesa, de caneta na mão, com um mapa topográfico preso a um quadro de cortiça atrás de si. Roy Calloway estava sentado perto da entrada, as sobrancelhas juntas e parecendo preocupado. Do lado oposto da mesa, Kelly Rosa, a antropóloga forense de Seattle, estava sentada com Bert Stanley e Anna Coles, voluntários da equipe de perícia da Patrulha Estadual de Washington. Tracy tinha trabalhado em diversos homicídios com eles, e não esperou ser convidada a entrar, sabendo que isso não aconteceria.

— Chefe — ela disse, pois era assim que todo mundo em Cedar Grove chamava Calloway, embora, tecnicamente, ele fosse o xerife.

Calloway levantou-se quando Tracy passou por sua cadeira e tirou a jaqueta de veludo cotelê, revelando seu coldre de ombro e o distintivo preso no cinto.

— O que você pensa que está fazendo? — o xerife perguntou. Ela pendurou a jaqueta nas costas de uma cadeira.

— Não comece com isso, Roy.

Ele se aproximou, endireitando o corpo para mostrar sua altura. Intimidação sempre foi sua marca. Para uma garotinha, Roy Calloway podia ser assustador, mas Tracy já não era jovem nem se deixava intimidar com facilidade.

— Concordo, não vamos começar. Então, se você está aqui como policial, está fora da sua jurisdição. Se...

— Eu não estou aqui como policial — ela disse. — Mas eu gostaria de cortesia profissional.

— Não vai dar.

— Roy, você sabe que eu não faria nada que pudesse prejudicar a integridade de uma cena de crime.

Calloway meneou a cabeça.

— Você não vai ter essa oportunidade.

Os outros olharam na direção deles, os rostos marcados pela dúvida.

— Então vou lhe pedir um favor... como amigo do meu pai.

Calloway estreitou os olhos azuis e franziu a testa. Tracy sabia que tinha tocado numa ferida antiga, que nunca tinha cicatrizado. Calloway costumava caçar e pescar com seu pai, que tinha cuidado dos pais idosos do xerife antes de eles morrerem. Os dois homens também carregaram a culpa e o fardo de nunca terem encontrado Sarah.

Calloway apontou o dedo para Tracy como fazia quando ela era criança e andava de bicicleta na calçada.

— Você não vai me atrapalhar. Se eu disser para você ir embora, é o que vai fazer. Estamos entendidos?

Tracy não podia dizer para o xerife que investigava mais homicídios num ano do que ele tinha investigado durante toda a

carreira.

— Estamos — ela afirmou.

Calloway manteve o olhar nela durante um momento antes de voltar sua atenção para o policial.

— Continue, Finlay — ele disse, e voltou ao seu lugar.

O policial, cujo distintivo dizia “Armstrong”, precisou de um instante para recuperar o fio da meada antes de voltar sua atenção para o mapa topográfico.

— Foi aqui que eles encontraram o corpo. — Ele desenhou um X onde os dois caçadores tinham topado com os restos mortais.

— Não pode ser — Tracy disse.

Armstrong voltou-se para ela, parecendo inseguro. Ele olhou para Calloway.

— Eu disse para continuar, Finlay.

— Tem uma estrada de acesso aqui — Armstrong indicou no mapa. — Foi aberta para um empreendimento.

— Essa é a velha propriedade Cascadia — Tracy disse.

Os músculos do maxilar de Calloway ficaram tensos.

— Continue, Finlay.

— O local fica a menos de um quilômetro da estrada de acesso — Finlay disse, parecendo menos seguro de si. — Nós estabelecemos um perímetro aqui. — Ele desenhou outro pequeno X. — A cova em si é rasa, cerca de meio metro. Agora...

— Espere — Rosa disse, levantando a cabeça e tirando os olhos de suas anotações. — Espere um pouco. Você disse que a cova era *rasa*?

— Bem, o pé não estava muito fundo.

— E a cova não parecia mexida, para você? — Rosa perguntou.

— Quero dizer, além do que o cachorro cavou?

— Foi o que pareceu; acho que podia ser apenas uma perna e um pé.



— Por que você pergunta? — Calloway se dirigiu a Rosa.

— O tilito glacial no noroeste perto do Pacífico é duro como pedra — Rosa disse. — Isso torna muito difícil cavar uma cova, especialmente nesse tipo de terreno, que, imagino, tem ainda um grande sistema de raízes. Não me surpreende que a cova seja rasa. O que me surpreende é que animais não tenham mexido nela antes.

— Aquela área estava começando a ser transformada em um *resort* de tênis e golfe que se chamaria Cascadia — Tracy disse a Rosa. — Eles tiraram algumas árvores e trouxeram alguns trailers para servir de escritórios de vendas dos lotes. Lembra daquele corpo que nós encontramos em Maple Valley alguns anos atrás?

Rosa anuiu e se voltou para Armstrong:

— O corpo podia estar enterrado em um buraco feito pela remoção de uma árvore durante esse estágio do empreendimento?

— Não sei — Armstrong respondeu, meneando a cabeça e parecendo confuso.

— Que diferença isso faz? — Calloway perguntou.

— Para começar, pode indicar um ato premeditado — Tracy disse. — Se alguém sabia que haveria uma construção nessa área, pode ter planejado usar o buraco.

— Por que um assassino usaria um buraco num local em que sabia que haveria uma construção? — Rosa perguntou.

— Porque ele também sabia que a construção não iria adiante — Tracy respondeu. — Foi uma história e tanto por aqui. O *resort* iria ter grande impacto na economia local, transformando Cedar Grove em destino turístico. A construtora pediu permissão para transformar a terra em campo de golfe e *resort* de tênis, mas pouco tempo depois a Comissão Federal de Energia aprovou a construção de três usinas hidroelétricas no Rio Cascade. — Tracy levantou, foi até a frente da sala e estendeu a mão para Finlay. O policial hesitou antes de entregar a caneta para ela. Tracy desenhrou uma linha. — A represa



das Cataratas de Cascade foi a última a ficar pronta. Isso aconteceu em meados de outubro de 1993. O lago da usina se encheu e seu perímetro expandiu. — Ela desenhou o novo perímetro do lago. — Essa área foi inundada.

— O que colocou o local da cova debaixo d'água e fora do alcance de animais — Rosa disse.

— E fora do nosso alcance. — Tracy se virou para Calloway. — Nós vasculhamos essa área, Roy.

Tracy sabia bem disso. Ela não só fez parte da equipe de buscas como guardou o mapa topográfico original depois que seu pai morreu. Nos anos seguintes, ela voltou ali tantas vezes que conhecia o lugar melhor que as linhas da palma de sua mão. Seu pai tinha dividido o mapa em setores, para garantir uma busca sistemática e completa. Eles tinham passado duas vezes em cada setor.

Como Calloway continuava a ignorá-la, Tracy se dirigiu a Rosa.

— A barragem das Cataratas de Cascade foi derrubada no começo deste verão.

— E o lago recuou para suas dimensões originais — Rosa concluiu.

— Eles acabaram de reabrir a área para caçadores e trilheiros — Armstrong disse, também entendendo. — Ontem foi o primeiro dia da temporada de patos.

Tracy olhou para Calloway.

— Nós vasculhamos a área antes de ser inundada, Roy. Não havia corpo ali.

— A área é grande. Não dá para excluir a possibilidade de não termos visto — ele disse. — Ou de não ser ela.

— Quantas mulheres jovens desapareceram por aqui nessa época, Roy?

Calloway não respondeu.

— Nós vasculhamos aquela área *duas vezes* e não encontramos

nenhum corpo. Quem pôs o corpo ali só pode ter feito isso depois das nossas buscas e pouco antes da inundação.

# CAPÍTULO 6



**T**racy se sentou de repente, o lençol escorregando até sua cintura. Desorientada, ela pensou que o som que a assustou fosse o sinal tocando nos corredores do Colégio Cedar Grove, indicando que estava atrasada para a próxima aula de química que ela precisava ministrar.

— Telefone — Ben gemeu. Ele estava no colchão ao lado dela, segurando um cobertor sobre a cabeça para bloquear os feixes de luz matinal que passavam pela veneziana. O telefone enfim parou de tocar.

Tracy caiu de volta no travesseiro, mas agora sua cabeça queria continuar se orientando. Ben a tinha buscado na competição de tiro para irem jantar. Ela se lembrou de quando ele afastou a cadeira e se ajoelhou. O anel! Sua boca se curvou num sorriso sonolento e ela levantou a mão esquerda, inclinando o diamante para refletir um raio de luz. Ben estava tão nervoso que mal conseguiu dizer o que queria.

Seu pensamento voou de novo, desta vez até Sarah. Tracy pretendia ligar para ela contando a novidade quando voltasse para o apartamento, mas uma coisa levou a outra com Ben, embora, aparentemente, Sarah já soubesse do pedido. Ben contou para Tracy que Sarah tinha ajudado a planejar a noite. Foi por isso que a irmã errou dois alvos. Ela queria que Tracy vencesse para não ficar noiva de

mau humor.

Sentindo-se culpada por ter reclamado com Sarah, Tracy rolou de lado e olhou a hora no despertador digital no tapete ao lado do colchão. Os números vermelhos brilhavam: 6:13 da manhã. Sarah nunca sairia da cama tão cedo para atender a extensão no corredor da casa dos pais. Tracy teria que esperar para ligar para ela.

Perdendo o interesse em dormir, Tracy rolou para perto de Ben, aconchegando-se ao corpo dele, sentindo seu calor irradiar. Como Ben não reagiu, ela se apertou mais nele e passou os dedos pelos músculos de seu abdômen, terminando por tomá-lo na mão, sentindo-o endurecer.

O telefone tocou.

Ben grunhiu, e de um modo não muito bom.

Tracy afastou o lençol, rolou para fora da cama e cambaleou por cima das roupas que eles tinham tirado, apressados, na noite anterior. Na cozinha, ela pegou o fone no suporte de parede.

— Alô?

— Tracy?

— Pai?

— Eu liguei antes.

— Desculpe, acho que não escutei...

— Sarah está com você?

— Sarah? Não. Ela está em casa.

— Ela não está em casa.

— O quê? Espere, vocês não estão no Haváí? Que horas são aí?

— É cedo. Roy Calloway disse que não conseguiu falar com ninguém em casa.

— Por que Roy foi até em casa?

— Encontraram a sua picape. Você teve algum problema mecânico ontem à noite?

Tracy estava com dificuldade para acompanhar a conversa. Sua



*cabeça latejava devido a vinho demais e sono de menos.*

— *Como assim encontraram? Encontraram onde?*

— *Na estradinha local. O que aconteceu?*

*Tracy sentiu uma onda de terror envolvê-la. Ela tinha dito a Sarah para usar a autoestrada.*

— *Tem certeza?*

— *Claro que tenho! Roy reconheceu o adesivo na janela de trás.*

*Sarah não está com você?*

*Ela sentiu a cabeça ficar leve e o estômago revirar.*

— *Não, ela foi para casa.*

— *O que você quer dizer com “foi para casa”? Você não estava com ela?*

— *Não, eu estava com Ben.*

— *Você a deixou voltar sozinha de Olympia? — Ele estava começando a gritar.*

— *Eu não a deixei... Pai, eu...*

— *Ah, meu Deus.*

— *Ela deve estar em casa, pai.*

— *Acabei de ligar lá. Duas vezes. Ninguém atendeu.*

— *Ela nunca atende. Deve estar dormindo.*

— *Roy foi até lá. Ele bateu na porta da frente...*

— *Eu vou até lá agora, pai. Pai, eu disse que vou até lá agora.*

*Claro que eu ligo para você quando chegar. Eu disse que vou ligar quando chegar lá.*

*Ela desligou o telefone, tentando entender a situação.*

*Roy Calloway disse que não tinha encontrado ninguém na casa.*

*Encontraram a sua picape.*

*Ela inspirou fundo, lutando com a ansiedade crescente, dizendo a si mesma para não entrar em pânico, dizendo a si mesma que tudo estava bem.*

*Acabei de ligar lá duas vezes.*

*Sarah devia estar dormindo e ou não ouviu o telefone tocar ou o ignorou. Era típico dela ignorar o telefone.*

Roy bateu. Ele bateu na porta da frente...

Ninguém respondeu.

— *Ben!*

# CAPÍTULO 7



**T**racy estacionou no fim da fila de carros que margeavam a estrada de cascalho que levava à entrada nunca construída do Resort Cascadia. Ela prendeu o cabelo num rabo de cavalo, sentou no para-choque traseiro e trocou as rasteirinhas por botas de trilha. Embora o céu estivesse claro e a temperatura fria, típica de outubro, ela amarrou uma jaqueta de Gore-Tex na cintura, sabendo que a chuva podia vir rapidamente, e que a temperatura cairia depois que o sol se escondesse atrás das árvores.

Depois que todos se reuniram, Finlay Armstrong levou-os por uma trilha de terra, com Calloway logo atrás, seguidos por Rosa e sua equipe. Rosa carregava uma sacola de escavação, que era do tamanho de uma mala de academia, mas tinha vários compartimentos do lado de fora, para coisas como pás, escovas e outras ferramentas pequenas. Stanley e Coles carregavam cavaletes, uma tela e baldes brancos. As folhas dos pinheiros ponderosa começavam a adquirir uma coloração dourada, e as que tinham caído formavam uma cobertura natural no solo, produzindo um aroma familiar. As folhas dos bordos e amieiros também pareciam prestes a cair. Mais adiante no caminho, o grupo passou pelas placas de “Não Entre” nas quais Tracy, Sarah e seus amigos jogavam pedras quando passavam em suas bicicletas pelas

trilhas da montanha em direção ao Lago Cascade.

Com meia hora de caminhada eles saíram da trilha para uma área que tinha sido parcialmente aberta. Da última vez que Tracy esteve nesse local, trailers da construtora serviam de escritórios de vendas temporários de Cascadia.

— Você espera aqui — Calloway disse.

Tracy ficou para trás enquanto o restante do grupo se aproximou de onde um policial fazia guarda ao lado de estacas de madeira enfiadas no chão. Fitas amarelas e pretas de cena de crime estavam presas às estacas, criando um retângulo irregular com cerca de 2,5 metros de largura por 3 de comprimento. No quadrante inferior direito, Tracy viu o que parecia ser um graveto se projetando do solo revirado. Ela sentiu um aperto no peito.

— Vamos estabelecer o segundo perímetro aqui — Calloway disse a Armstrong, mantendo a voz baixa e respeitosa. — Usem os troncos das árvores.

Armstrong pegou o rolo de fita de cena de crime e começou a traçar o segundo perímetro, o que Tracy considerou exagero. Ninguém mais apareceria. Ninguém em Cedar Grove ligava mais para aquilo, e a imprensa não encontraria aquela área remota do norte das Cascades.

Armstrong se aproximou do lugar onde Tracy estava, parecendo quase querer se desculpar.

— Preciso que você recue, detetive — ele disse.

Ela recuou um passo para Armstrong terminar de passar a fita amarela e preta entre as árvores.

Rosa não perdeu tempo para começar a trabalhar. Após remarcar a cova para aumentar suas dimensões, ela usou barbante para dividir o local em seções menores, depois se ajoelhou diante da seção com o pé levantado e começou a tirar a terra com uma escova. Ela usava uma pá pequena para colocar a terra nos baldes de vinte litros. Cada



balde estava marcado com uma letra maiúscula que correspondia a uma seção do local da escavação, de A a D. Periodicamente, Stanley despejava terra na tela armada entre os dois cavaletes, peneirando-a. Anna Coles tirava fotografias. Quaisquer ossos ou fragmentos recebiam uma letra minúscula. Todo o resto – pedaços de tecido, metal, botões – era numerado. Rosa trabalhava metodicamente, sem descanso. Ela queria terminar o trabalho antes de a luz do outono se pôr atrás das árvores.

Pouco depois das 13h30, Tracy percebeu a primeira alteração na rotina de Rosa. A antropóloga parou de cavar e sentou nos calcanhares. Ela falou com Stanley, que começou a lhe dar escovas cada vez menores que pegava na mala de escavação. Rosa voltou a escovar terra, mas numa área cada vez mais concentrada. Após meia hora, Rosa levantou-se. Ela tinha desenterrado alguma coisa, que agora segurava na mão enluvada. Ela conversou sobre o objeto com Roy Calloway e depois o entregou a Stanley, que o guardou dentro de um saco plástico de provas, identificando-o com uma caneta marcadora preta.

Após catalogar o objeto, Stanley entregou o saco — não para Rosa, mas para Calloway, que pareceu refletir sobre o que Rosa tinha encontrado.

Então ele se virou e dirigiu o olhar para Tracy.

Ela sentiu um surto de adrenalina. Suor brotou em suas axilas e escorreu por seus flancos por baixo da camisa.

Conforme Calloway se aproximava, o coração dela batia com mais intensidade. Quando ele lhe entregou o saco com a prova, ela não conseguiu se obrigar a olhar para o objeto. Tracy continuou a observar o rosto de Calloway até o xerife não conseguir mais sustentar o olhar e se virar.

Tracy olhou para baixo, para o que Kelly Rosa tinha desenterrado, e sua respiração ficou presa no peito.

# CAPÍTULO 8



*Tracy sentiu o estômago ficar embrulhado.*

*— Tudo bem com você? — Ben estendeu a mão dentro do carro e tocou o ombro de Tracy, mas ela não respondeu. Continuou olhando pela janela, para a montanha e os fragmentos de xisto que entulhavam a lateral da estrada. Ela não tinha encontrado as botas de Sarah na varanda da frente nem na entrada da casa. Sarah não tinha respondido quando Tracy subiu correndo a escadaria gritando seu nome. Sarah não estava dormindo em sua cama nem tomando banho. Ela não estava na cozinha comendo nem na sala íntima assistindo à televisão. Sarah não estava em casa. E não havia indício de que tinha estado.*

*— Ali — Ben disse ao dobrarem mais uma curva na estrada.*

*A picape azul de Tracy parecia abandonada, estacionada no acostamento que se inclinava na direção das Cascades do norte.*

*Ben fez meia-volta, estacionou atrás da Suburban do xerife e desligou o motor.*

*— Tracy?*

*Ela se sentia paralisada.*

*— Eu falei para ela não pegar a estradinha local. Eu disse para ela ficar na autoestrada e tomar cuidado. Você me ouviu falar para*

ela.

Ben pegou a mão de Tracy sobre o assento e a apertou.

— Nós vamos encontrar Sarah.

— Por que ela é tão teimosa, o tempo todo?

— Vai ficar tudo bem, Tracy.

Mas a sensação de pavor que a envolveu enquanto ela corria de quarto em quarto na casa de seus pais ficava mais forte. Ela abriu a porta do carro e saiu para o acostamento de terra.

A temperatura da manhã continuava subindo. O asfalto já estava seco e não mostrava sinais da chuva intensa da noite anterior. Insetos zuniam dançando ao redor de Tracy enquanto ela se aproximava da picape. Fraca e zozna, ela tropeçou. Ben a segurou. O acostamento parecia mais estreito, o degrau mais pronunciado do que ela se lembrava.

— Será que ela derrapou? — Tracy perguntou a Roy Calloway, que aguardava junto ao para-choque da picape.

Calloway estendeu a mão e pegou a chave reserva.

— Vamos um passo de cada vez, Tracy.

— O que aconteceu com a picape?

Tracy esperava que um dos pneus estivesse murcho, ou que houvesse alguma batida na lataria, ou que o capô estivesse levantado, indicando algum problema no motor, o que não era provável. O pai delas era religioso com relação à manutenção dos carros, feita por Harley Holt.

— Nós vamos descobrir o que houve — disse Calloway. Ele colocou um par de luvas azuis de látex e abriu a porta do motorista. Um saco vazio de Cheetos e uma lata de Coca Diet jaziam no chão do lado do passageiro — o café da manhã de Sarah quando elas foram para a competição. Tracy tinha dado uma bronca na irmã por comer aquela porcaria. O agasalho azul-claro de Sarah continuava enrolado no assento estreito onde ela o tinha colocado. Tracy olhou para



*Calloway e meneou a cabeça. Tudo parecia estar como Tracy se lembrava. O xerife se inclinou sobre o volante, colocou a chave na ignição e a virou. O motor gemeu. Então morreu. Calloway se debruçou mais e observou o painel.*

*— Está vazio.*

*— Quê? — ela perguntou.*

*Calloway recuou para que Tracy pudesse ver.*

*— Ela ficou sem gasolina.*

*— Não pode ser — Tracy disse. — Eu enchi o tanque na sexta-feira para não precisarmos abastecer de manhã.*

*— Quem sabe não está mostrando quanta gasolina tem porque o motor está desligado? — Ben sugeriu.*

*— Não sei — Calloway respondeu, mas parecia cético.*

*Calloway tirou a chave e foi até a traseira da picape. Tracy e Ben o acompanharam. O vidro com a película escura impedia que vissem o que havia dentro da carroceria coberta.*

*— Por que você não olha para o outro lado? — Calloway sugeriu, parado junto à traseira.*

*— Não. — Tracy negou com a cabeça.*

*Ben passou o braço ao redor dos ombros dela. O xerife destrancou a porta traseira e se curvou para espiar dentro, antes de deixar que a porta se levantasse por completo. Então, baixou a tampa da carroceria. De novo, tudo parecia estar como Tracy se lembrava. Os carrinhos de armas estavam presos às laterais. O casaco de Tracy amontoado com suas botas e a bandana vermelha.*

*— Esse é o chapéu dela? — Calloway apontou para o Stetson marrom.*

*Era. Então Tracy lembrou de ter colocado seu Stetson preto na cabeça de Sarah.*

*— Ela estava usando o meu.*

*Calloway começou a levantar a tampa.*



— Posso entrar? — Tracy perguntou. Calloway recuou. Ela subiu, sem saber ao certo o que estava procurando, mas sentindo a mesma urgência que havia sentido na noite anterior, quando ela e Ben foram embora, como se tivesse esquecido algo. Ela destravou os carrinhos de armas. As espingardas e os rifles continuavam em seus lugares, os canos para cima, como tacos de bilhar na estante. As pistolas de Sarah estavam guardadas numa gaveta interna, e a munição, na caixa com fechadura. Numa segunda gaveta, onde Sarah guardava distintivos de outras competições, Tracy encontrou a fotografia de Wild Bill entregando a ela a fivela de prata: Sarah e a terceira colocada ao seu lado. Ela guardou a fotografia no bolso traseiro da calça, pegou o casaco e verificou os bolsos.

— Não está aqui — ela disse, saindo da carroceria.

— O que não está aí? — Calloway perguntou.

— A fivela de campeã — Tracy disse. — Eu dei para Sarah ontem à noite, antes de nós dois irmos embora.

— Não estou entendendo — Calloway disse.

— Por que ela levaria a fivela, mas não as armas? — Ben perguntou.

— Não sei. É que...

— O quê? — Calloway perguntou.

— Eu quero dizer que ela não teria nenhum motivo para pegar a fivela de prata a menos que pretendesse me devolver hoje manhã, certo?

— Ela saiu andando — Calloway concluiu. — É isso que está dizendo? Ela teve tempo para decidir o que pegar e saiu andando.

Tracy olhou para a estrada deserta. A faixa branca no centro serpenteava seguindo os contornos da montanha, virando e desaparecendo numa curva.

— Então onde ela está?

# CAPÍTULO 9



O revestimento de prata tinha perdido o brilho, mas a gravação com a imagem da vaqueira disparando dois revólveres e as letras ao redor continuavam claras: *Campeã do Estado de Washington — 1993.*

Eles tinham encontrado a fivela de prata.

Eles tinham encontrado Sarah.

A emoção que cresceu dentro de Tracy a surpreendeu. Não era amargor ou culpa. Nem mesmo tristeza. Era raiva, que correu por dentro dela como veneno. Ela sabia. Sempre soubera que o desaparecimento de Sarah não era o que todos queriam que ela acreditasse. Tracy sabia que havia algo naquilo. E agora sentia que finalmente poderia provar.

— Finlay. — A voz de Calloway soou como se viesse da extremidade de um túnel comprido. — Leve-a daqui.

Alguém tocou no braço dela. Tracy se afastou.

— Não.

— Você não precisa fazer parte disto — Calloway disse.

— Eu deixei minha irmã uma vez — ela disse. — Não vou deixá-la de novo. Vou ficar. Até o fim.

Calloway fez um sinal para Armstrong, que recuou para onde

Rosa tinha retomado a escavação.

— Vou precisar disso — Calloway disse, estendendo a mão para a fivela, mas Tracy continuou passando o polegar pela superfície, sentindo o contorno de cada letra. — Tracy — Calloway insistiu.

Ela estendeu a fivela, mas, quando Calloway a pegou, Tracy não soltou, forçando-o a encará-la.

— Eu disse, Roy. Nós vasculhamos esta área. Duas vezes.



Ela manteve distância o restante da tarde, mas conseguiu ver o bastante para perceber que Sarah tinha sido enterrada em posição fetal, as pernas acima da cabeça. A pessoa que usou aquele buraco, feito quando a raiz da árvore foi arrancada do solo, tinha avaliado mal o tamanho, o que não era incomum. A percepção espacial pode ficar distorcida quando se está sob estresse.

Só depois que Kelly Rosa fechou o saco preto de corpos e passou um cadeado no zíper, Tracy saiu da floresta, voltando para o carro.

Ela navegou as curvas montanha abaixo sem pensar, a mente entorpecida. O sol tinha baixado atrás das árvores, projetando sombras na estrada. Ela já sabia, claro. Era por isso que os detetives eram treinados para se esforçar para encontrar pessoas sequestradas nas primeiras 48 horas. Depois disso, as estatísticas mostravam que a probabilidade de encontrar a pessoa viva despencava. Depois de 20 anos, a probabilidade de encontrar Sarah viva era ínfima. Mesmo assim, a esperança tinha permanecido numa pequena parte dela, a parte que Tracy compartilhava com outras famílias cujos entes queridos tinham sido sequestrados e nunca localizados. Era parte de todo ser humano que se agarrava à esperança, não importava quão improvável, de contrariar as probabilidades. Tinha acontecido antes. Na Califórnia, uma jovem desaparecida havia 18 anos entrou numa delegacia de polícia e disse seu nome. Naquele dia, a esperança foi